



3039 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)  
GT 24 - Educação e Arte

Vozes do mar: o mito e educação sensível do feminino em narrativas orais filhas e filhas de Iemanjá na Umbanda na Amazônia Paraense.  
Livia Cristina Fonseca de Araújo Faro - UEPA - Universidade do Estado do Pará  
Denise de Souza Simões Rodrigues - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Este estudo, é parte integrante da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa de Saberes Culturais da Amazônia, da Universidade do Estado do Pará. Emergiu a partir da seguinte problemática: como as dimensões simbólicas e poéticas do feminino contidas em narrativas orais do mito de Iemanjá na Umbanda podem contribuir para a Educação Sensível de filhas e filhos da Orixá? A perspectiva teórica da análise dos dados está baseada em Cabrera 2004, Duarte Júnior (2001), Eliade (1991; 2016), Halbwachs (2004), Maffesoli (1998), Prandi (2001) e Zumthor (2010). A pesquisa de campo, qualitativa, de abordagem etnometodológica, fez uso do método das poéticas orais, a partir da observação participante e de entrevistas narrativas. Teve como sujeitos filhas e filhos da Sagrada Orixá Iemanjá que participam como membros de Umbanda na região metropolitana de Belém. Tal investigação conduziu à reflexão sobre a possibilidades de encontrar, dentro da academia, um espaço para o debate de uma Educação Sensível, por meio da poética oral, dos sentidos e dos saberes constitutivos das identidades que constituem o feminino em mulheres e homens que se educam na Umbanda.

Palavras- chave: Educação Sensível. Iemanjá. Feminino. Poética Oral. Amazônia Paraense.

Vozes do mar: o mito e educação sensível do feminino em narrativas orais filhas e filhas de Iemanjá na Umbanda na Amazônia Paraense.

#### Resumo

Este estudo, é parte integrante da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa de Saberes Culturais da Amazônia, da Universidade do Estado do Pará. Emergiu a partir da seguinte problemática: como as dimensões simbólicas e poéticas do feminino contidas em narrativas orais do mito de Iemanjá na Umbanda podem contribuir para a Educação Sensível de filhas e filhos da Orixá? A perspectiva teórica da análise dos dados está baseada em Cabrera 2004, Duarte Júnior (2001), Eliade (1991; 2016), Halbwachs (2004), Maffesoli (1998), Prandi (2001) e Zumthor (2010). A pesquisa de campo, qualitativa, de abordagem etnometodológica, fez uso do método das poéticas orais, a partir da observação participante e de entrevistas narrativas. Teve como sujeitos filhas e filhos da Sagrada Orixá Iemanjá que participam como membros de Umbanda na região metropolitana de Belém. Tal investigação conduziu à reflexão sobre a possibilidades de encontrar, dentro da academia, um espaço para o debate de uma Educação Sensível, por meio da poética oral, dos sentidos e dos saberes constitutivos das identidades que constituem o feminino em mulheres e homens que se educam na Umbanda.

Palavras- chave: Educação Sensível. Iemanjá. Feminino. Poética Oral. Amazônia Paraense.

Útero etéreo, lugar do princípio, a labá Iemanjá significa, vibra e guarda a geração da Vida em si, isto é, Ela é a matriz, o ventre pelo qual passa a Criação. Do manancial de sua força cria e desfaz. Tudo acomoda. Seu hálito fresco é um refrigerio que guarda vida e morte num infinito movimento (CABRERA, 2004).

Nas narrativas da tradição Yorubá catalogadas (PRANDI, 2001; CABRERA, 2004), a Orixá Dona do Mar é apresentada como Mãe amorosa e voluntariosa, que agrada, protege e é capaz até de aceitar as falhas dos filhos sem deixar de, no entanto, repreendê-los, como é possível perceber na narrativa ouvida no terreiro de Umbanda, *lôcus* desse trabalho:

*Ela é um maternal, mas pelo menos na forma que eu sinto, é um maternal: "Eu te amo, mas se você fez besteira, eu vou te puxar a orelha!". É a Mãe rédea curta! [...]. É assim que sinto Ela comigo. Não é aquela Mãe assim, que tu vais roubar e ela vai dizer: "Te esconde no meu armário, meu filho!". Sabe? Não! [...]. Eu sou muito maternal, mas sou muito durona também.[...] Sou aquela que eu gosto de chamar atenção. Mas que não falem dos meus! A minha relação com Ela é assim, eu sinto que é isso: Ela me puxa, mas Ela pode me puxar! Dessa forma que eu sinto como característica muito forte em mim: "Não fale que ninguém que eu amo é feio e o negócio não vai prestar!" (Dandalunda, Voz do Mar<sup>[1]</sup>)*

Dandalunda evidencia sua descendência de Janaína, revelando ser constituída por uma maternidade que se ocupa em proteger "os seus", sem se despreocupar com a educação destes, repreendendo-os, se necessário.

A labá que persevera, a Senhora da maternidade, da fertilidade, da renovação constante, tomou o coração do Brasil, sendo a mais popular entre os Orixás cultuados no país (VALLADO, 2011). É Criação em sentido absoluto! Para Campbell (1990), quando se tem uma Deusa como Criadora<sup>[2]</sup> "o próprio corpo dela é o universo. Ela se identifica com o universo. [...] Ela é toda a esfera dos céus que abarca a vida [...]. Tudo quanto você vê, tudo aquilo em que possa pensar, é produto da deusa" (CAMPBELL, 1990, p.177). É o que confirma a Voz do Mar, quando revela uma experiência de transe:

*Só que quando eu fui nesse lugar muito fundo no mar, eu via peixinhos que brilhavam... E quando eu olhei o contexto e tudo estava assim,*

*eu falei: "Tem uma constelação aqui embaixo da água, eu tô no universo, eu tô num outro universo! Que a gente vê para o céu, mas existe embaixo também!". (lara, Voz do Mar)*

Revela-se aqui a presença do feminino sagrado e mítico. É explícito, portanto, na leitura das narrativas da Orixá, encontrar em Iemanjá um mito feminino, da Criação, da Grande Mãe, que se expressa universalmente em diversas culturas e sociedades.

Na imersão no lócus de pesquisa, um terreiro de Umbanda na região metropolitana de Belém, muitas vezes, os Guias<sup>[3]</sup>, quando em Guma<sup>[4]</sup>, se referiam a uma maternidade não gerada apenas no útero, a definiam como sendo o amor, consistindo portanto, no amor puro, no cuidado, no carinho e demais descrições feitas aqui e que formam um desenho, uma imagem, um arquétipo dessa labá.

Observo nas narrativas daquelas pessoas que colaboram com suas vozes para a tessitura dessa rede de conexões que me disponho a realizar, que se saber filha ou filho de Iemanjá lhes proporciona entender que há uma força cíclica que conduz o banheiro das águas e é preciso se entregar ao fluxo desta, sem precisar ter dúvidas de que lhes será provido o necessário para o que quer que seja. Oriundos de outras tradições religiosas, ter a possibilidade de vivenciar, na Umbanda, o Sagrado Axé de Sua Mãe em seu corpo, lhes provoca o retorno à sua origem primeira.

Na Umbanda, o corpo físico dá passagem à "in-corpo-oração". Expressão usada por Márcia de Araújo (2012), "in-corpo-orar" manifesta a presença do mito, do sagrado no corpo: um estado de oração, uma conexão o mais profunda possível do ser com o divino dentro e fora de si, uma vez que se faz por meio de vários corpos, desde o mais denso ? o corpo físico ? , até os mais sutis, como é o caso da psique, para não falar dos que não conhecemos. A Deusa "se corporifica"<sup>[5]</sup> em Sua(eu) filha(o), que sente a energia divina, Sua força e Seu poder, Sua fluidez e demais características já descritas aqui, além daquelas que lhes são inefáveis. A (o) adepta (o) é, neste momento, ao mesmo tempo, uma Deusa in-corpo-orada, um corpo orado pela Deusa e o canal a mediar (a médium) o acesso para a conexão coletiva com a Realidade Sagrada Primeira ? a Orixá. As Vozes do Mar, em sua primeira incorporação de uma Sereia, desvelam:

*E eu morrendo de medo ouvia... Parecia que Ela sussurrava: "Filha, te entrega, quem dança sou Eu!". Cara, aquilo me deu uma calma, parece que me desamarrou, sabe? Foi parece uma ordem. Eu fui embora com Ela, dentro de um redemoinho, sei lá, parecia um espiral rápido, rápido, rápido... Ela vergou minha coluna, a minha não, a Dela, e a minha foi junto! Eu pensava que ia cair e Ela dizia: "Eu danço!". E eu não caí mesmo! Ela se equilibrava naquele movimento! [...]. Meu corpo era meu e ao mesmo tempo era Dela. Eu sentia tudo, mas não tinha controle sobre ele, era muito mais forte do que eu. Parecia que eu estava assistindo Ela dançar de dentro de mim, em mim... [Risos]. Não sei explicar! Eu sentia o cheiro de mar, as ondas batendo no meu corpo, sentia que quebravam dentro do meu corpo... (Kaiala, Voz do Mar)*

*Eu nem sei te dizer... Na libação<sup>[6]</sup>, quando recebi o Vodunze Dela, não consegui pensar em mais nada. Era só me sentir dentro da água... Não lembro o que Ela fez. O pessoal disse que Ela roda bonito, mas eu não vi, né? Só posso te dizer mesmo que eu estava dentro da água, eu era água, era tudo misturado... (Inaê, Voz do Mar)*

Como lembra Rosalira Oliveira (2005), não há divisão, porque não se separa realidade divina da realidade material, humana, que também é natureza divina, como vemos acontecer em grande parte, nas religiões patriarcais. Além do mais, estando in-corpo-orada, a consciência individual dá espaço à mítica, é, portanto, a Deusa quem dança, fala, age.

Carece, diante disso, que apresente a perspectiva de mito de Eliade (2016), uma vez que o autor, dentre os quais tive acesso, trabalha com esta categoria da maneira mais aproximada à concepção da Realidade da Orixá – O Princípio – na Umbanda. Para Eliade (2016, p. 07, grifo do autor), o mito é "uma 'história verdadeira' e [...], extremamente preciosa por seu caráter sagrado exemplar e significativo", sendo o mito "vivo" numa determinada sociedade, "fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor e existência" (ELIADE, 2016, p. 08) para aqueles que dela participam. E complementa:

O princípio gerador feminino em Iemanjá se funda como um modelo para Suas filhas e filhos, dando-lhes sentido de ser e de se reconhecerem como tal. Daí a necessidade de os mitos precisarem ser olhados e analisados sob um olhar histórico-religioso, como uma possibilidade de explicar e justificar as condutas e comportamentos de um dado grupo. Esta ótica, de acordo com Eliade (2016), permite superar a visão de mito como um desvio da natureza, da normalidade, do padrão e admiti-lo como um fenômeno cultural. O mito é revelador da palavra criadora, primordial, que fundamenta a vida social, embora racionalmente criticado pela sociedade devido a sua extrema subjetividade. É, pois, o mito, uma criação sagrada que constitui o ser humano. Resulta disto a importância de compreendê-lo.

Ao tratar sobre o feminino gerador, importa destacar a expressão da maternidade para além do físico, da gravidez biológica, do gênero. As narrativas de filhos e filhas de Iemanjá apontam para seus movimentos na vida de cuidar, sempre dispostos a ajudar, acolher, maternar:

*Ela... Eu me vejo nessa coisa do... Como é que eu posso dizer? Sim! Do cuidar! Tenho muito isso do cuidar. Deve ser uma coisa maternal, mesmo que eu não seja mãe, mesmo que eu ache que não tenha vocação pra ser mãe, mesmo que isso já não faça parte dos meus planos... (Inaê, Voz do Mar)*

*É muito do cuidado também, [...] é muito coisa de mãe com o filho mesmo, sabe? O que eu sinto com as coisas e os meus amigos e tal é aquela coisa. Tem amigo que a gente quer cuidar e a própria pessoa não quer se cuidar. Então é... É...[Repete um gesto de soltar]. Tem muita mãe que faz isso também, deixa o filho livre para aprender as coisas, mas sempre está ali. Isso eu tenho vivido muito ultimamente [...]. Esse lado de Iemanjá da proteção, do cuidado, do ser mãe, sem ser mulher! Não precisa ser mulher para ser mãe, entendeu? Para ter esse instinto maternal, não precisa! É uma mãe moderna! [Risos]. [...] Iemanjá não é aquela doçura de mãe, aquela coisa que, né? Mas sempre temos que e precisamos ir ao colo dela. Ela faz isso! [Gesticula com os braços estendidos e abertos]. Claro que Ela faz isso, mas não é só isso! Ela te joga para o mundo! [...]. Ela te joga para o mar! "Vai pro mar meu filho, sabendo que eu estou aqui no teu lado!". Mas é uma proteção, sem estar presente, estando presente. [...] Esse é o lado que eu tenho sentido bastante, assim, de Iemanjá em mim. (Iguaçu, Voz do Mar)*

Sobre o maternal, Bariri também permite ecoar algo que lhe faz sentido enquanto fala e ouve a outra Voz do Mar. Diz da tatuagem que fará no dia seguinte ao da entrevista, com um desenho de sereia andando de skate, pelo qual se apaixonou à primeira vista. Optou por fazê-la em homenagem a um amigo que praticava o esporte com ele, falecido recentemente:

*Aí, tipo, agora nesse papo, eu fiquei assim, caraca! Totalmente água, sabe? Essa parada deu tatuar uma sereia, Iemanjá, é Mãe! E eu tinha um carinho muito enorme por ele, porque ele tinha muitas brigas com a Mãe dele, sabe? Eu sempre tomava muito cuidado com ele, abraçava, tentava confortar. E agora fez totalmente sentido! [Risos]. Ontem eu falava sobre isso, sobre tatuagem que não necessariamente*

*a gente precisa ter um significado pra ela na hora que a gente escolhe tatuar, mas é construído um significado em cima dela. Eu escolhi por ter um skate e lembrar dele, mas agora, construiu todo um sentido em cima. (Bariri, Voz do Mar).*

O maternal, princípio gerador, está, nessa perspectiva, para além da possibilidade ou desejo de ser mãe no plano físico, mas sustenta as qualidades do Princípio Gerador da Vida, em todo o seu processo de gerar e manter vida o tempo todo. O mito, como fica evidente, constitui e regula o modo de ser dessas pessoas, independentemente de seu gênero.

É importante notar que, no intangível tempo ritual o corpo "mediuniza" a comunicação entre as Realidades: o Reino de Aruand[7] e a Terra, o principal motivador do processo de mediunização é o mito cantado (ELIADE, 2016) ou Ponto Cantado. Ao ser entoada a palavra, o som do princípio se faz presente na dança das ondas, do materno acolhimento, da fluidez líquida, da calma acomodadora e da delicadeza feminina, a partir dos movimentos corporais e dos cantos das Sereias, como já se mostra nas narrativas das Vozes do Mar apresentadas anteriormente.

Ao recitar os mitos reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, "contemporânea", de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao "viver" os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo "sagrado", ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável. (ELIADE, 2016, p. 21, grifo do autor).

É por este motivo que os Guias que lideram os trabalhos clamam pela eficiência do cantar dos Pontos: o toque e o ritmo correto da curimb[8], a letra do Ponto, o vigor do canto, carregam fundamentos de cada Mestre e são essenciais à manutenção da vibração no Congá, principalmente para a conexão dos filhos de Santo com e no trabalho. Os mitos, quando recitados-cantados, nos mostram como fazemos para "criar" tais quais os Deuses, nos conferem e ensinam certos poderes mágicos que podemos passar a usar se o quisermos. Por esse motivo os mitos carecem ser reatualizados pela humanidade.

Eu escrevi um pedido na areia  
Pedindo a Zambi pra me proteger  
Eu escrevi um pedido na areia  
E foi Mãe d'Água que veio me valer  
E foi nas ondas do Mar  
Que deixei os meus problemas e aprendi a confiar  
Que todo mal não dura para sempre  
Que a paz é uma semente que precisa semear  
E lá no céu, esse azul tão infinito  
Iemanjá me acolheu e me deu um mundo bem mais bonito  
E eu abri meu coração e Ela me estendeu a mão e entreguei meu caminhar à Iemanjá  
(Ponto para Iemanjá)

Ao canto do Ponto para Iemanjá, ao som dos batuques dos tambores no Terreiro de Umbanda, no momento ritual, a Orixá é evocada pela palavra cantada. Imediatamente "sua filha" volta às origens, toda ela é água e mergulha sob as ondas, entra no Reino de sua Mãe:

*Aí eles começam a cantar Pontos de Iemanjá,[...] até então eu nunca tinha sentido assim. E quando me botaram[A coroa da Orixá], Ela [A Guia que dirigia o ritual] disse: "Comecem a girar! Não chegou!". Ela me girou, eu comecei... Eu sentia como se eu estivesse numa maresia, ora forte, ora devagar...[...]. Aí voltou de novo, eu me senti dentro da água mesmo, aí eu não me lembro...[...] Até então eu nunca tinha sido girada, não sabia que ia receber[9], nem nada. Quando eu acordei atordoada, eu tinha a sensação que estava lavada, que eu estava mesmo salgada, e eu estava! (Inaê, Voz do Mar)*

Ao mesmo tempo que a médium, sua filha, sente a Realidade primeira de Iemanjá – o mar –, os demais médiuns que assistem ao ritual, alcançam tal Realidade por meio da vidência, de forma que todos os integrantes da corrente sentem o banheiro, a vibração da Rainha do Mar.

*Uma vez eu estava tombada, totalmente tombada[10], deitada no chão. Aí puxaram Ponto de Sereia na curimba e Ela, não sei nem como, quando me dei conta, estava dançando. Ela me mostrava a água na beira, cheia de pedrinha, aquela água clara, rasa, sabe? Depois que a onda quebra, na beira mesmo... Tinha pedra e muita concha rolando, umas enterradas, e Ela passava a mão Dela e molhava o rosto e se olhava e tal e o [Diz o nome de um rapaz], meu irmão daqui da corrente, me contou uma coisa que eu fiquei besta! Ele disse que alcançou tudo colorido, [Risos] nítido assim: Ela, a água rasa, Ela loira com uma cabeleira linda, cheia, muito bonita, viu a calda Dela azul furta-cor, igualzinho como eu vi! Fiquei bestinha! E ele ainda alcançou a unha Dela colorida e grande, bem comprida! Ele me contando, só as lágrimas caíam na gente. (Kaiala, Voz do Mar)*

*Eu só me lembro do que as meninas me disseram: "Um monte de gente caiu no chão, mas tu caíste, foste caindo lentamente, igualzinho uma sereia...". Aí, uma moça de lá que já é médium mais adiantada, disse: "Foi lindo, quando tu caíste eu vi a água vindo toda em cima de ti, aquele verde azulado e tu de sereia entrando nela.". (Inaê, Voz do Mar)*

Nas duas narrativas há os pares que testemunham o vivido, aqueles que guardam a memória coletiva da comunidade, para lembrar Halbwachs (2004). Em ambas, as filhas e os seus irmãos de corrente, conectados com o mito a partir dos Pontos, adentram um espaço atemporal onde alcançam o inefável. O canto aqui dispara o contato com o mito de origem, conecta a filha de Santo também à sua descendência da Orixá e se reatualiza nela. E, embora Inaê desconhecesse a sua capacidade mediúnica de incorporação, bem como o ritual de que fez parte, por ser aquela a primeira festa das labás da qual participava, o mito já lhe habitava o corpo de maneira arrebatadora. Mais transparente fica esse fato quando, essa mesma Voz do Mar, traz uma vivência de infância, rememorada a partir da anamnese de sua irmã, logo após ter sido confirmada filha de Iemanjá:

*Quando eu era pequena, a gente tinha uma piscininha em casa, não era de plástico, era uma piscininha de alumínio que o meu avô fez.*

*Não me pergunte como, nem por que, mas eu uma belo dia, quem me deu essa lembrança foi a [...] (Refere-se à irmã). Ela disse que lembrava de mim muito pequena, batendo na água, tipo batuque: "lemanjá é a Rainha do Mar, lemanjá é a Rainha do Mar..." [...]. A mamãe não sabe como era que eu sabia que lemanjá era a Rainha do Mar, porque a gente não tinha essa ligação com a Umbanda. A mamãe sempre foi muito católica, nunca botou a gente pra ser praticante, nem nada, frequentava a Igreja e tudo. Papai nem nada frequentava, papai descobriu fé agora, um dia desses. (Inaê, Voz do Mar)*

Como se poderia entender uma criança, com tão pouca idade, saber cantar o Ponto, uma música ritual, de uma religião a qual não teria acesso? A resposta de Eliade (1991, p. 10, grifo do autor) é precisa: "o inconsciente" [...] é muito mais 'poético' – e, acrescentaríamos, mais 'filosófico', mais 'mítico' – que a vida consciente. Nem sempre é necessário conhecer a mitologia para viver os grandes temas míticos".

Diante disso, pode-se ver que o conhecimento do mito não se trata de um "conhecimento exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido" ritualmente. Portanto, essa não é uma experiência como qualquer outra cotidiana, é uma experiência de transfiguração, de criação diante e a partir da Deusa-Orixá, por conseguinte, uma experiência religiosa, sagrada. Essa experiência que educa sensivelmente – por meio dos sentidos, nas transmissões de saberes práticos e poéticos – é necessária e urgente para a humanidade forjada pelo paradigma da modernidade.

A Voz do Mar, Kaiala desenha este debate em sua narrativa:

*Ela cantou! Tu sabes o que é um canto de Sereia? Eu nunca tinha ouvido! Mas não era bem Ela que cantava, era o caracol.[...]. É estranho explicar, nem sei por que estou te falando... Sei lá, é tão íntimo que as pessoas não entendem, nem eu entendo... [...]. Ela me disse que ia me limpar por dentro, se eu me permitisse soltar, umas mazelas... Ai ela disse: "Minha filha, você vai aprender a tua origem, vou te ensinar a cantar, pra te limpar e te abrir.". Só que eu não sabia que canto era esse, não sabia que era de Sereia... [...]. E Ela me disse: "Deixa ele te tomar?". Era o caracol, pelo amor de Deus! Mas eu te juro como eu não queria, sei lá, como um caracol, assim... E ela falou: "Mas ele é tu, minha filha! Tua origem! Ele está aí. Olha dentro da tua barriga!". Falava disso numa calma e eu morrendo de medo. Do nada começaram a cantar os Pontos do Povo do Mar... Começou pelo do Seu Martim Pescador... Daí pras Sereias... Olha, quando eu falo, fico emocionada, arrepiada! Era como se fosse um parto daqueles na água que tem aquele bando de mulher ao redor? Aquele bando de Sereias nadando e eu dentro d'água, no fundo, normal... Sentindo a areia, respirando... Ao mesmo tempo eu era Ela, ou Ela tivesse dentro de mim, não sei dizer... É tudo acontecendo ao mesmo tempo... Eu era a mulher parindo, eu era a criança... Assim, surreal! Mais surreal eu te falar! [Risos, seguido de silêncio]. É assim, como se fossem muitas dimensões ao mesmo tempo, sabe? E tudo faz sentido pra mim, ao mesmo tempo que eu, se parasse pra pensar nunca imaginaria isso. Pois é, aí eu vi dentro do caracol, o lado de dentro dele, sabe aquelas curvas que tu pensas que é tudo escuro dentro? Não é! Aquilo se abrindo na minha barriga... Tu já tiveste parto normal? [Respondo que sim]. Sabes quando tu sentes a dilatação? Aquilo assim, vuuu... Vuuu... Vuuu... [Faz um gesto arredondando as mãos em movimento de expansão]. Foi assim, mas era em tudo, todo o meu corpo, e ela disse: "Cante!". E ela me mandou abrir a boca, com uma voz assim, firme e doce... A minha boca abriu igual a boca do caracol, a boca não, eu digo, assim, igual aquela parte aberta dele, que eu achei que eu fosse rasgar! Ai foi mesmo, não tinha como eu conter, parecia que aquilo vinha dum eco dentro de mim. A água entrava com força, lavando tudo e ia fazendo aquele som, que parecia onda, um silvo... Agradei tanto! E era da minha barriga que vinha, de dentro das curvas, como se minha barriga liberasse um som... Nunca que eu vou saber repetir! Aquilo me encheu tanto.. Elas [As Sereias] dançavam enquanto cantavam, meu corpo físico imóvel e elas em volta com aquelas caldas lindas dançando... Esse dia foi, assim, um dos mais importantes pra mim desde que entrei na Umbanda, posso dizer até da minha vida, eu senti o que é estar no Mar Sagrado da minha Mãe, fazer parte dele, porque só uma Mãe pode te dar um presente desses! (Kaiala, Voz do Mar)*

Aqui a narrativa possibilita entrarmos na experiência que rompe com a lógica do pensamento moderno. No mito encarnado na narrativa, os Fundamentos da Grande Mãe se destacam em todos os seus aspectos, une a filha ao Reino numa indissociabilização extasiante. Constatado, sem esforço, os dois momentos em que a pujança ritual realça o nexo que o canto oferece à vivência, tornando-se definidor dela. No primeiro, o chamado, para que a filha se conecte de maneira arrebatadora à Mãe, liame sutil e profundo que a palavra cantada – O ponto – oferece. No segundo, a Voz cantada da Mãe, vocalizada pela boca da filha, robustece e confirma a matéria da experiência – a poética do encontro com as (suas) águas maternas, viver a potência de limpeza ancestral, de cura Materna e autocura. A Mãe, sua força primeira, seu princípio, convida à sua contraparte à cura. As vozes, portanto, mostram insuspeita a relação entre mito e realidade que Eliade (2016) anuncia. A Sereia-caracol, canta do útero Sagrado a voz de parir sua filha a uma nova vida: a de ensinar Seu canto de fazer-se renascer.

As dimensões de tempo/espaco do concreto vivido transmudam-se e suas fronteiras dissipam-se permitindo a posse pelo transe mediúico da filha da Orixá. A transição entre as dimensões do concreto e do sagrado, se é que podemos nomear assim, completa-se pela indiferenciação da temporalidade da incorporação. A realidade vivida está em suspensão em outra dimensão: a espiritual e simbólica.

Em Zumthor (2010), encontrei uma cooperação nutridora para cascavilhar força, sentido e significado das implicações da voz no terreiro de Umbanda. Em poucas palavras encerra: "o sopro da voz é criador", com "o simbolismo primordial integrado ao exercício fônico se manifesta eminentemente no emprego da linguagem, e é aí que se enraíza toda a poesia." (ZUMTHOR, 2010, p. 08).

A voz criadora, "o som-elemento, o mais sutil e mais maleável do concreto – não constituiu e não constitui, no futuro da humanidade como no do indivíduo, o lugar de encontro inicial entre o universo e o Inteligível?". (ZUMTHOR, 2010, p. 09). A voz, por suas características de maleabilidade, por ser ponte entre as realidades, mostra-se como um interessante expressão para o meu desejo de mediação.

Não se duvida que a voz se constitua no inconsciente humano uma forma arquetipal: imagem primordial e criadora, ao mesmo tempo, energia e configuração de traços que predeterminam, ativam, estruturam, em cada um de nós as experiências primeiras, os sentidos e pensamentos. [...] Com implicações de tal complexidade que ultrapassa todas as manifestações particulares, e sua evocação segundo a palavra de Jung, "faz algo vibrar em nós, a nos dizer que realmente não estamos mais sozinhos.". (ZUMTHOR, 2010, p. 10-11, grifo do autor).

A palavras de Zumthor (2010) traduzem o que narra a Voz do Mar sobre o que sentiu após a incorporação da Sereia:

*Então, quando levantei, eu senti essa onda de novo. Eu levantei e fui em direção ao assentamento de lemanjá. Eu ia reverenciar. Eu fui em direção... Ai a onda veio de lá, de novo, e bateu! Eles começaram a cantar de novo pras Sereias... [...]. Eu acho incrível como o Povo da Curimba está conectado com tudo o que está acontecendo e sabe, e sente, alcança o que é para cantar! Eu voltei com a [...] (Diz o nome da Cabocla). E disse: "Minha mãe, eu ainda não saí do mar! Eu estou muito mareada, eu estou muito!". E aquele banzeiro aumentando, como se a onda viesse mais, mais, mais... E olhei para Ela, no olho Dela era o Mar! E Ela disse: "Segure a Cabocla!". Olhava firme e dizia: "Segure a Cabocla!". E me girou de novo. Quando me girou e eu entrei naquela maresia fortíssima de novo, só de falar eu me enjoo do estômago. É, enjojo! Estou te falando! Ela disse assim: "É a... [Dizia o nome da Cabocla-Sereia!] Receba! Receba! Deixe a Cabocla assentar!". E, como se eu estivesse tirado da tomada o pensamento, eu fui, né? Quem alcançou teve vidências muito bonitas dela, muita beleza. Ela é muito bonita! (Kaiala, Voz do Mar)*

O verbo, voz poética, palavra primordial, é, para mim, o fio que conduz para dentro do Reino do Mar, porque é ela, a voz poética, a matéria mãe-complacente de maior plasticidade no mundo físico. Ela, pois, conduz a educação estética do terreiro. É a palavra, fêmea que gera, pare e cria. A voz, o sopro-sonoro da criação.

A linguagem vocalizada materializa, plasma o que é, sua energia condensa a forma material necessária a acontecer quando proferida, carrega intencionalidade. Portanto, “a voz ultrapassa a palavra. [...] A voz não traz a linguagem: a linguagem nela transita, sem deixar traço. [...] A voz se diz enquanto diz; em si ela é pura exigência.” (ZUMTHOR, 2010, p.11). A voz é, no contexto que investigo, palavra in-corporada. “A voz jaz no silêncio do corpo como o corpo em sua matriz. Mas, ao contrário do corpo, ele retoma a cada instante, abolindo-se como palavra e como som...” (ZUMTHOR, 2010, p. 10).

Ainda sobre a argumentação de Zumthor (2010), não posso negar outra reflexão que me toma alimentada pela conversa com o Preto Velho, sobre o engessamento da palavra vocalizada que faz da Orixá, hoje, quadros arquetípicos e perdem a conexão com o Único, o Princípio, o Reino que é puro e incessante movimento. Pedi ao Preto Velho que me falasse mais sobre esta dimensão da palavra enrijecida do mito:

Fia, tudo na vida tem movimento, tudo tem vibração. O roupeiro[11] que vosmicê usa vibra, o chão desse cazuá[12]... E Orixá é vibração pura, então é movimento, é vida, é vibração. [...] Tudo tem movimento e vosmicês nem vê, mas tem fia... E vosmicês (Referia-se aos seres humanos) transformam os Orixás, os Mitos em pedras, mas não nas pedras boas, né meu fio? (Diz olhando para o Cambono[13]), mas nas piores pedras. Vosmicê quer saber das fias de lemanjá... Elas não são esses quadros que explicam quem é a Orixá! Orixá é Reino, fia! Quadro não, não tem vida, não tem vibração... Então, quem fala essas coisas não é do Orixá que tá falando, né? Orixá, fia, é vibração pura, o quadro é morte, o que não vibra é morte. (Preto Velho)

É, então, a voz-palavra viva, a voz-presente vida, voz-vibração que busquei alcançar nesse transcurso investigativo. Uma palavra a serviço de tocar a razão sensível de ser, para lembrar Maffesoli (1998). A voz precisa ter licença para o sonho, para o rompimento com o tudo posto, para (re)inventar-se. Uma voz-palavra que convida todo o corpo a estar presente – mas ultrapassa, inclusive o corpo – como num jogo erótico, em um irresistível desejo de fundir-se ao outro para criar.

*Eu sentia a vibração do mar todas as vezes que cantavam para o Povo do Mar. E quando Ela veio em minha direção, quando Ela pediu para cantar de novo para as Sereias, o meu coração só faltou sair pela boca. Ela se levantou do Ponto dela em minha direção, me deu a mão e me girou. [...] Eu entrei no redemoinho muito forte, muito grande, e que me rodava com força! Uma força tão absurda [...]. A sensação é como se a água me lambesse, como se a água me chupasse, como se eu entrasse na boca do mar, pela boca do mar... Sabe quando a gente suga alguma coisa? Que a gente é lambido pela boca inteira? Que alguma coisa passa por dentro da nossa boca? Era assim! Como se fosse sugada! Aliás, eu fui sugada naquele redemoinho. Eu senti essa contração no meu corpo físico até as minhas pernas virarem calda! [Choro]. Aí, aquele giro, aquele banzeiro... Eu queria parar meu corpo, eu queria pensar, eu queria controlar meu pensamento, ou melhor, eu queria controlar meu corpo pelo pensamento, não vou negar! Mas é uma força indescritível do Reino, não é da minha cabeça! É um sentir tão profundamente o Reino que o pensamento não consegue conter, não consegue controlar. [...] E eu não posso explicar exatamente o que o meu corpo fazia, só posso dizer o que eu sentia. Minha coluna vergava, numa curvatura impossível de ser feita nessa idade e nesse corpo atual. [...] Quando eu pensava: “Não posso fazer isso, está dobrando muito, me puxando muito”. A força sugadora me puxava pela cabeça e me vergava para trás, incontrolável! E eu rodava. Eu nadava, nadava! Ficava leve! Eu, o corpo... O meu corpo sabia para aonde estava indo. Ela sabia pra aonde estava indo. Ela sabia! (Kaiala, Voz do Mar)*

Não bastasse todo esse campo poético que me desvela Zumthor (2010), ele diz sobre os aspectos do feminino. Lembra que a boca de onde a voz é pronunciada fisicamente, não apenas guarda a vocalização como princípio, mas também a nutrição. Os lábios (*oris*, origem) proferem palavras e sugam o leite da mãe, guardam a vida em ambas as atribuições. Realça outro aspecto do feminino-maternidade na voz: “No útero a criança já se banhava na palavra viva, percebia as vozes [...], e a voz materna se ouvia no íntimo contato dos corpos, calor comum, sensações musculares apaziguadoras”. (ZUMTHOR, 2010, p. 16).

A boca, a voz, a palavra, são fêmeas, femininas, mães, águas.

Embora considere válidas e importantes os debates e contribuições do movimento feminista para a sociedade atual, me ocupo nessa pesquisa, não com uma análise feminista propriamente, mas me toma com sensibilidade e vem ao encontro do que desejo quando me propus a pesquisar sobre como o princípio feminino na Criação constrói as identidades de filhas e filhos da Orixá na umbanda, a expressão de Duarte (2005 apud OLIVEIRA, 2005, p. 10):

Hoje temos que lidar com o legado patriarcal tanto no sentido objetivo, quanto subjetivo de nossas experiências. E para que possamos fazer uma transição desta fase de desenvolvimento humano para uma outra mais justa e igualitária torna-se fundamental o resgate dos aspectos femininos submersos no útero primordial de nossa psique [...]. Ao encontrar-se com a fluidez de sentimentos presentes no feminino, a rigidez das leis masculinas pode tornar-se sensível às necessidades do Outro.

Esse aspecto feminino submerso pela rigidez insensível do modelo patriarcal, pode tornar fluida – em decorrência de suas características da espera, da gestação, da entrega e do cuidado – a experiência de homens e mulheres, visto que os princípios da vida – masculino e feminino –, não são propriedade de gênero. O mito feminino, portanto, habita, forma, sustenta e se expressa em filhas e filhos de lemanjá.

As qualidades do feminino ancestral em filhas e filhos de lemanjá é constituído pela experiência coletiva e individual com a Deusa, sendo a experiência sensível, a experiência estética, conduzida pela palavra, voz-encarnada nesta tradição religiosa, que conduz este processo de educação sensível, ancorado no sentir, no(s) sentido(s) como modo de acessar, significar, transmitir e integrar saberes poéticos, como se referiria Duarte Júnior(2000) do terreiro de Umbanda.

## REFERÊNCIAS

CABRERA, Lydia. **Iemanjá & Oxum**. Tradução de Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: EDUSP, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do Mito**. Com Bill Moyers; organizado por Betty Sue Flowers, tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2000.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Ensaio sobre o Simbolismo Mágico Religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FARES, Josebel Akel; PIMENTEL, Danieli. O lugar das poéticas Oraís. **Revista Boitatá**, Londrina, n. 17, jan/jul 2014. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasoraís.com.br/site/arquivos/revistas/1/danibel.pdf>. Acesso em: janeiro, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ceutauro, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Tradução de Albert Christophe Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da deusa em sua manifestação nos dias atuais. **Revista Artemis**, n. 3, Campinas, dez. 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VALLADO, Armando. **A grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

WATSON, Rod; GASTALDO, Edison. **Etnometodologia & Análise da Conversa**. Rio de Janeiro: Editora PUC/Rio; Vozes, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

[1] Vozes do Mar foi a maneira como escolhi nomear os colaboradores, desta pesquisa de abordagem etnometodológica (WATSON; GASTALDO, 2015), fez uso do método das poéticas orais (FARES; PIMENTEL, 2014), que disponibilizaram suas vozes a esta pesquisa. Foram identificadas também por nomes fictícios, escolhidos em razão de seus significados se relacionarem à natureza das águas. Assim teremos, para as Vozes de mulheres: Inaê, nome de lemanjá em Yorubá; Dandalunda, outra nomeação de lemanjá; Kaiala, divindade das águas grandes, materno útero, da nação Bantu; e, para as Vozes dos homens: Bariri (do indígena, águas inquietantes) e Iguaçu (lugar de grande quantidade de água, do Tupi).

[2] Campbell (1990) usa a palavra "criador", com iniciais minúsculas e no masculino. Escolho usá-la no feminino, menos por concordância de gênero e mais pela contraposição ao sentido de segregação que a palavra me provoca.

[3] Como são chamadas as entidades, os mestres de luz na Umbanda.

[4] Quando se apresentam em forma de incorporação em um médium, isto é, a pessoa que se disponibiliza a fazer a intermediação o entre o mundo espiritual e o material.

[5] Na Casa de culto lócus desta pesquisa, entende-se que na ocasião da incorporação de um Orixá, o que os filhos de Santo sentem é o chamado "Vodunce", isto é, uma centelha do Axé do Orixá, uma vez que seria humanamente impossível um corpo sustentar uma grandeza de frequência elevada.

[6] Ritual no qual os filhos de Santo ungem a imagem de determinado Orixá e vivem profundamente experiências de seu Reino.

[7] O mundo espiritual onde tudo principia, Orun, o céu, por assim dizer.

[8] Tambor sagrado

[9] Quer dizer que ela não sabia da possibilidade de incorporar.

[10] Experiência xamânica de ampliação da consciência, em geral proporcionada pelo uso do cachimbo, ou da jurema, bebida sagrada preparada com ervas e raízes. A experiência varia de pessoa para pessoa, mas que, de modo geral, proporciona, após o uso de tais fundamentos rituais, um tontear com sensação de peso ou ampliação da cabeça. Sucede uma conexão mais profunda com o Sagrado.

[11] Roupas.

[12] Casa.

[13] Médium ajudante ou assessora o Guia quando em Guma.